**ANTONIA JOVITA FEITOSA**

**Resistência e construção identitária: Um perfil das mulheres no Brasil Oitocentista**

**Antonio Ferreira da Silva[[1]](#footnote-0)**

O que me espanta é a força

De um fenimil coração,

E' vêr n'um peito de corça

Brio, valor de leão I

E sob a forma delgada

De uma mulher delicada

Yêr um'alma alimentada

Do fogo de uma explosão!

Um dos versos em homenagem a Jovita no poema “Á Heroina Brazileira Jovita Alves Feitosa” (Pernambuco/PE, 1865, autoria desconhecida)

**1. Introdução**

Esta biografia é um registro elaborado a partir do texto de Visconti Coaracy, escrito em 1865, na Província do Rio de Janeiro, ao abordar em letras a vida de Jovita Feitosa. O autor talvez não imaginasse, o quanto uma menina com apenas dezoito anos de idade, ao sair do seio de sua família, se tornaria uma peça da historiografia brasileira, perfilada em corpo de mulher.

Resgatar a vida de Jovita aos dias de hoje, é perceber o quanto sua causa é muito atual. Não à toa, autores contemporâneos, à bico de pena, têm demonstrado sua importância para a História.

Segundo CARVALHO (2019), o Brasil precisou lidar, na década de 1860, com algumas crises políticas. Com a Grã-Bretanha envolveu-se com a Questão Christie, consequentemente, o rompimento das relações diplomáticas entre os dois países. Em face dos brasileiros possuírem muitas propriedades e escravos no Uruguai, criou-se óbices à questão, levando o Brasil a invadir o Uruguai em outubro de 1864. Com a tomada de Forte de Coimbra, no Mato Grosso do Sul, pelos Paraguaios, precipitou-se a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. Com efeito, nesse momento, os militares brasileiros, mal treinados e mal armados, não dispunham de uma força militar, capaz de se engajar numa luta armada.

Com um efetivo de apenas dezesseis mil homens, era necessário aumentar consideravelmente o número de combatentes. Assim, foi criado por decreto os Corpos de Voluntários da Pátria, podendo se voluntariar os maiores de dezoito e menores de cinquenta anos. Nessa conjuntura surge Jovita Feitosa. Uma criatura tão jovem quanto insistente. Voluntariou-se. Inesperadamente, o Brasil se ver envolto em tão valiosa inspiração. O Estado brasileiro encontra em Jovita sua maior esperança na luta, enquanto os jornais constroem a figura de um mito.

Ademais, as mulheres se tornaram vítimas de um imaginário social, cujas moralidades construídas pela Igreja se imbricavam, em determinada época, com a medicina. Assim, na falta de conhecimento acadêmico, a religião ocupava o espaço vazio. A partir dessas lógicas opostas, PRIORE (2004) esclarece como na história brasileira, os corpos femininos sempre foram submetidos a crenças religiosas e práticas xenofóbicas, subtraindo dessas mulheres seus mais tênues direitos. Destarte, o processo por intermédio do qual, se construiu a identidade feminina, no caso brasileiro, representou por um lado, o conflito entre Deus e o diabo, por outro, percebido pela fraqueza, pois da sua essência.

(….) Nos tempos da colonização, o médico era um criador de conceitos, e cada conceito elaborado tinha uma função no interior de um sistema que ultrapassava o domínio da medicina propriamente dito. Ao estatuto biológico da mulher, estava sempre associado outro, moral e metafísico. Como explicava o médico mineiro Francisco de Melo Franco em 1794, se as mulheres tinham ossos “mais pequenos e mais redondos”, era porque a mulher era “mais fraca do que o homem”. Suas carnes, “mais moles […] contendo mais líquidos, seu tecido celular mais esponjoso e cheio de gordura”, em contraste com o aspecto musculoso que se exigia do corpo masculino, expressava igualmente a sua natureza amolengada e frágil, os seus sentimentos “mais suaves e ternos”. Para a maior parte dos médicos, a mulher não se diferenciava do homem apenas por um conjunto de órgãos específicos, mas também por sua natureza e por suas características morais. (...)

**2. Biografia**

Aos oito dias do mês de março do ano de 1848, em Brejo Secco no Inhamus (sertão nordestino), Província do Ceará, nascia Antonia Alves Feitosa, que mais tarde ganharia a alcunha de Jovita Feitosa, nome que a consagraria no Panteão dos heróis da pátria[[2]](#footnote-1). Pobre de nascença, tinha em seus pais dona Maria Rodrigues de Oliveira e Simeão Bispo de Oliveira a marca do sofrimento do sertanejo. Aos doze anos de idade perdeu sua mãe, vítima de Cholera morbus. Passou a morar com um tio em Jaicós/PI, mestre em música, criava naquele momento um caminho para se dedicar à música. Contudo, foram as histórias de roubos, destruições e atrocidades cometidos pelo invasor paraguaio em terras brasileiras, que impressionou Jovita, fazendo-a mudar seu próprio destino.

Caminhou setenta léguas (aproximadamente 338 Km) de Jaicós até a Província de Terezina, capital do Piauí. Vestiu-se com roupas de homem, cortou os cabelos com uma faca e pôs um chapéu de couro. Nesses trajes grosseiros, dirigiu-se ao Palácio da Presidência, onde pediu para se alistar como voluntário da pátria[[3]](#footnote-2). Nota da imprensa à época, após a descoberta de seu sexo na rua ou na casa do mercado: “Apresentou nesta cidade uma interessante rapariga de 18 anos de idade, de typo índio, natural de Inhamus, vinda de Jaicós, desta província, trajando vestes de homem rude, e offereceu-se ao Exm. presidente como «voluntario da patria.»”. Mesmo sendo aceita para ser aquartelada, algumas pessoas insistiam que “era uma mulher disfarçada em homem”. Assim no dia do aquartelamento o Dr. Chefe de Polícia José Manoel de Freitas mandou entrar o suposto voluntário e procedeu o interrogatório.

Inicialmente Jovita Feitosa seguiu com os 460 Praças do 2º Corpo de Voluntários, para São Luís do Maranhão, em 10 de agosto de 1865, engajada pelo Presidente da Província do Piauí Franklin Américo de Meneses Dória, na graduação de Sargento.

O Jornal do Rio de Janeiro acerca da chegada de Jovita em São Luís “Os maranhenses fizeram a esse patriota, que mais tarde será uma heroína, as maiores ovações. (…)”**.** Na Paraíba Jovita recebeu de uma comissão formada por notáveis um anel de brilhantes, como recordação dos paraibanos.Em Pernambuco houve um grande espetáculo com lugar distinto, em camarote oferecido pelo Presidente da Província.Em Salvador a imprensa divulga “(…) a praça do palácio converteu-se num grande anfiteatro, e a nova Hermes, em espetáculo para uma multidão de curiosos (…)”. No Rio de Janeiro houve manifestação por parte de artistas e comerciantes. A imprensa fluminense se manifesta “(…) Teatro de São Pedro de Alcântara. Hoje. Terça-feira, 12 de setembro de 1865. Grande espetáculo em aplausos à chegada do segundo corpo de voluntários do Piauí, onde vem incorporada a jovem heroína brasileira Jovita Alves Feitosa. Hino Nacional pela orquestra. (...)”.

Se por um lado haviam opiniões favoráveis a Jovita, como demonstra as publicações em jornais à época, e sua luta como voluntária da pátria, por outro havia vozes dissonantes. Em 14 de setembro de 1865, o Jornal do Commercio publica opinião de um leitor insatisfeito “(…) A heroína brasileira. A ofensa mais grave à dignidade dos homens que se prezam e à daqueles que militam é sem dúvida a presença da jovem Jovita Alves Feitosa nas fileiras do 2º batalhão de voluntários do Piauí. (…)”. Alfredo d’Escragnolle Taunay era um severo crítico da condição de Jovita, partindo do meio intelectual brasileiro.

“(…) O papel de enfermeira para a mulher que queria dedicar-se é o mais elevado e nobre possível; concilia a dedicação e a conveniência, a abnegação e a dignidade. A piauiense devia considerar tudo isso e em lugar de seus instintos belicosos, lembrar-se de que pra uma mulher é mais nobre sanar feridas do que as abrir (...)”.

Como caráter étnico e condição nativa, Coaraci na entrevista que Jovita lhe concedeu na Corte, no quartel do Campo da Aclamação, a descreveu como um tipo índio, de pele amarelada, cabelos de um negro acaboclado, olhos negros cheios de luz, dentes alvos, limados e pontiagudos.

Após diversas tentativas de engajamento no corpo de exército, em 16 de setembro de 1865, passados “37 dias de glória, ao lado de alguma alegria”, a Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, baixa uma ordem ao Comandante do Corpo, Coronel José Lustosa da Cunha, nos termos abaixo.

“Ilmo. Sr. Não havendo disposição alguma nas leis e Regulamentos militares que permita mulheres terem praça nos Corpos do Exército, nem da Guarda Nacional, ou de Voluntários da Pátria, não pode acompanhar o corpo sob o comando de V. S. com o qual veio da Província do Piauí a voluntário Jovita Alves Feitosa na qualidade de praça (…), mas sim como qualquer outra mulher das que se admitem a prestar junto aos corpos em campanha os serviços compatíveis com a natureza do seu sexo, serviços cuja importância podem tornar a referida voluntária tão digna de consideração, como de louvores o tem sido pelo seu patriótico oferecimento (…)”.

Após o advento da determinação do governo, notícias variadas sobre Jovita passam à circular em jornais. **“**Segundo o Correio Mercantil, após a negativa do Ministério a sua pretensão, Jovita passara a fazer parte das “*elegantes do mundo equívoco[[4]](#footnote-3)*”.

Ao voltar para casa foi recebida muito mal por seu pai, fazendo com que retornasse à Corte. No Rio de Janeiro passou a se relacionar com o Engenheiro inglês William Noot, e com seu retorno a Inglaterra, ao término de seu contrato com a empresa Companhia City Improvement, pondo fim ao relacionamento, Jovita tragicamente dar fim a própria vida, na tarde de 9 de outubro de 1867[[5]](#footnote-4). Deixara um bilhete “Não culpem a minha morte a pessoa alguma. Fui eu quem me matei. A causa só Deus o sabe”. Foi enterrada no Cemitério do Caju[[6]](#footnote-5), com a ajuda de Francisco Mendes de Araújo[[7]](#footnote-6), coletando doações para lhe dar uma sepultura individual[[8]](#footnote-7). Foram realizadas três missas de sétimo dia, embora a igreja católica negasse rituais religiosos a suicidas. Uma na igreja da Lapa (15/out), outra na igreja da Misericórdia (16/out) e uma terceira na igreja matriz de Santo Antônio dos Pobres (16/out), esta promovida por “amigas da desventurada Jovita[[9]](#footnote-8)”, que consoante CARVALHO (2019, p. 107) “certamente outras elegantes do mundo equívoco[[10]](#footnote-9)”.

**3. Acerca do Autor**

José Alves Visconti Coaracy nasceu em Niterói/RJ, em 1837, era oficial aposentado da secretaria de guerra, romancista, contista, teatrólogo, jornalista, tradutor, redator, membro do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro e da Sociedade propagadora de belas artes. Era conhecido por seus diversos pseudônimos: D. Fuas, Gryphus, Sphynx, Tan-Tan, V. Cy, Um Fluminense. Casado com Corina Coaraci. Faleceu no ano de 1892, em Niterói. Deixou um vasto trabalho biográfico. Foi autor de diversas obras: “A máscara de gesso (conto)”, “Missangas (poema)” e “O guarani (teatro)”.

A vida desse autor foi atravessada por diversos episódios históricos, favorecendo sua imensa obra literária. Contextualizou-se com o período regencial, 1837 (Revolta da Sabinada, Bahia). Foi espectador da publicação do Manifesto Comunista em 1848. Em 1850 viu a Lei Eusébio de Queiroz extingue o tráfico negreiro.

**4. Trechos destacados do texto de Visconti de Coaracy**

Durante a inquirição de Jovita Feitosa, pelo Chefe de Polícia José Manoel de Freitas, na Província de Terezina, Piauí, no intuito de verificar sua condição de voluntário da pátria, alguns pontos desse interrogatório, podem ser ressaltados, dado sua importância político-social. Inferindo-se um trato discriminatório, a um, contudo, por outro lado, a resiliência e abnegação da mulher, a dois.

“Perguntado se não era amazia de algum dos voluntarios com quem veio? Respondeu que não tinha relações com esses homens, e que os acompanhou somente porque vinhão também para a capital, tendo por muitas vezes declarado-lhes, quando indagarão da sua viagem – que se ia apresentar como voluntária da patria.” (COARACY, 1865, p. 17)

“Perguntado porque chorava quando se vio na presença da autoridade? Respondeu que chorava porque se via em trajes de homem em presença de muitas pessoas, e teve vergonha disso, e mais chorava também porque suppunha que sendo descoberta não seria aceita para a guerra.” (COARACY, 1865, p. 19)

**5. Considerações finais**

A história de Jovita Feitosa é baseada na superação e resistência aos preconceitos da sociedade. O papel das mulheres no contexto contemporâneo é fundamental nesse conceito apresentado por Jovita. A força das mulheres no enfrentamento ao patriarcalismo, ainda forte hoje em dia, foi muito representado pela coragem e estímulo de uma jovem mulher. O legado de Jovita tende a permanecer como reflexão e virtude de propósito.

**6. Referências bibliográficas**

**COARACY**, José Alves Visconti. Traços biographicos de Jovita voluntária da patria. Typ Imparcial de Brito & Irmão. Rio de Janeiro,1865.

**CARVALHO**, José Murilo. Jovita Alves Feitosa: voluntária da pátria, voluntária da morte. São Paulo: Chão Editora, 2019.

**REZZUTTI**, Paulo. Mulheres do Brasil: a história não contada. Rio de Janeiro. LeYa, 2018.

**ARAÚJO**, Johny Santana de. A guerra do Paraguai e a construção da imagem de uma voluntária da pátria: o caso Jovita Alves Feitosa (1865-1867). História Y MEMORIA. Nº 25. Anõ 2022, pp. 103-137.

**PRIORE**, Mary Del Priore. História das mulheres no Brasil/Mary Del Priore (org); Carla Bassanezi (cood. de textos). 7. ed. - São Paulo: Contexto, 2004.

1. Bacharel em Direito pela Universidade Salgado de Oliveira, Bacharel em Segurança Pública e Social pela Universidade Federal Fluminense, Curso Superior em Tecnologia em Segurança Pública e Social pela Universidade Federal Fluminense, Pós-graduado em Gestão Pública pela Universidade Dom Bosco do Mato Grosso do Sul, Curso Superior em Tecnologia em Gestão Pública pela Escola de Instrução Especializada do Exército Brasileiro, atualmente cursa o 4º período de História pela Universidade Federal Fluminense. [↑](#footnote-ref-0)
2. Projeto de Lei nº 3.683-B, de 2012, da Deputada Sandra Rosada, pretende inscrever o nome de Jovita Alves Feitosa, no Livro dos Heróis da Pátria. O projeto de Lei dar origem à Lei nº 13.423, de 27 de março de 2017, inscrevendo o nome de Jovita Feitosa no Livro dos Heróis da Pátria. Nos termos do Art 1º. Fica inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, que se encontra no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília, Distrito Federal, o nome de Antonia Alves Feitosa, conhecida como Jovita Alves Feitosa. [↑](#footnote-ref-1)
3. Estando o Congresso em recesso, em 7 de janeiro de 1865, o Governo criou, por intermédio do Decreto nº 3.371, daquele ano, os Corpos de Voluntários da Pa´tria. [↑](#footnote-ref-2)
4. Referência às mulheres que se prostituiam. [↑](#footnote-ref-3)
5. Atestado de morte por suicídio fornecido pela polícia: “primeira Delegacia de Polícia da Corte, em 10 de outubro de 1867. Pode sepultar-se o cadáver de Jovita Feitosa, em quem se procedeu a autópsia, e reconheceu-se ter-se suicidado.” [↑](#footnote-ref-4)
6. Jovita foi enterrada em 10 de outubro de 1867, no Cemitério de São Francisco Xavier, no quadro 2.º, número 3587, ao custo de 6$000. Contudo, como escreve José Murilo de Carvalho, a sepultura ou nicho não pôde ser localizada no cemitério. Muitos nichos perto desse número estão em mau estado de conservação, com nomes e números totalmente apagados. [↑](#footnote-ref-5)
7. “Guarda do depósito da Santa Casa e veterano da guerra da independência da Bahia.” [↑](#footnote-ref-6)
8. “Foi sepultado no Quadro 2.º, debaixo do n.° 3587 de adulto. Cemitério de S. Francisco Xavier, em 10 de outubro de 1867. Pelo Administrador, Joaquim dos Santos Pereira.” [↑](#footnote-ref-7)
9. “Algumas amigas da desventurada Jovita Alves Feitosa convidão aos conhecidos e amigas da mesma para assistirem a uma missa que, pelo descanso eterno de sua alma, mandão celebrara no dia 16 do corrente, ás 8 horas da manhã, na matriz de Santo Antonio dos Pobres. Diário do Povo, de 11 de outubro de 1867, p. 4. [↑](#footnote-ref-8)
10. “De acordo com Hermeto Lima, em O suicídio no Rio de Janeiro, segundo estatísticas referentes aos anos de 1908-12, mulheres pobres, sobretudo prostitutas, matavam-se mais que homens por razões amorosas. Quando abandonadas pelos amantes, “buscavam na morte o remédio para sua infelicidade” (p. 18-20)”. [↑](#footnote-ref-9)